

## Tolerância sem verdade?

Karl Heinz Kienitz

Ano após ano, os resultados do ENEM denunciam a cultura geral falha dos candidatos às universidades. Frases preocupantes - às vezes hilariantes - da redação desse ou daquele candidato chegam à mídia e tornam o problema visível ao grande público.

Não sei se é conforto ou grave alerta que cultura geral falha e desconhecimento de verdades básicas não são exclusividades tupiniquins. Alan Bloom, eminente educador estadunidense, era da opinião de que, por trás das mazelas educacionais do seu país estaria a convicção, muito difundida, de que toda verdade é relativa e, portanto, de que não vale à pena buscá-la.<sup>1</sup> Atrevo-me a dizer que aqui entre nós o diagnóstico é semelhante.

Nas nossas escolas tornou-se comum uma catequese relativista mais ou menos explícita, considerada politicamente correta e necessária à tolerância. Alega-se que a história demonstrou que os homens acabaram envolvidos em guerras, racismo, etc., sempre que julgarem estar certos. O ponto seria jamais pensar que você está certo. Já que tudo é visto como relativo, a educação não poderia ter como um de seus objetivos levar ao conhecimento da verdade e ao domínio de fatos. Para grande parte da sociedade, o principal objetivo da educação, hoje, é a capacitação para “vencer na vida,” ganhar dinheiro, ser influente, e talvez famoso. A verdade é irrelevante.

Tal opção não se ajusta a uma perspectiva cristã. Como cristãos, cremos que toda a verdade é a verdade de Deus, um Deus que se revelou aos homens. O compromisso do cristão com a verdade não o torna intolerante; pelo contrário: o próprio conceito de tolerância significa que se está em desacordo com o que se tolera. Isso explica também por que relativistas tendem a confundir indiferença com tolerância, o que é perigoso, pois “*o oposto do amor não é o ódio, mas a indiferença*”, como disse Eli Wiesel, Prêmio Nobel da Paz de 1986. O compromisso do cristão precisa ser tanto com a verdade quanto com a tolerância, pois crê em Jesus, que disse “*eu sou a verdade*” e também “*amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, bendizei aos que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam.*”

Então, porque acontece(ra)m intolerância e perseguições em comunidades que se dizem “cristãs”? Já os reformadores radicais do século XVI as denunciavam como consequência de orgulho e arrogância, irreconciliáveis com o evangelho e o amor cristão. Pilgram Marpeck, um desses reformadores, descreveu a posição esperada do cristão: “*Nunca devemos permitir-nos estar ofendidos ou escandalizados com qualquer coisa; devemos também cuidar diligentemente que o nosso vaso de barro não cause ofensa a ninguém. Caso contrário, o nosso próprio vaso ou aquele do nosso vizinho pode ser quebrado.*”<sup>2</sup>

Mas há também no meio dos cristãos, pessoas sem compromisso com a verdade. Seu principal objetivo de vida frequentemente resulta em “caça” de bênçãos, entendidas quase sempre em termos materiais. (Para muitos, prosperidade material é - equivocadamente - a principal medida do favor de Deus.) Sua fé tende a ser imatura e superficial. Tanto quem fica enalhado num cristianismo nominal quanto quem “curte” um sensacionalismo

<sup>1</sup> Em seu livro *The closing of the American mind* (O fechamento da mente americana).

<sup>2</sup> Em seu texto *Concerning the lowliness of Christ* (No que diz respeito à humildade de Cristo).

“espiritual”, priva-se de uma compreensão da verdade e da estabilidade de uma fé objetivamente verdadeira. Foi a estes dois aspectos que Arthur Schawlow, Prêmio Nobel de Física de 1981, se referiu quando escreveu que somos *“afortunados em termos a Bíblia, e especialmente o Novo Testamento, que nos fala de Deus em termos humanos muito acessíveis, embora também nos deixe algumas coisas difíceis de entender.”*

Às vezes, cristãos tentam justificar sua falta de compromisso com a verdade dizendo que preferem uma “fé simples.” Paulo escreveu em sua primeira carta aos Coríntios: *“Irmãos, não sejais meninos no entendimento; na malícia, contudo, sede criancinhas, mas adultos no entendimento.”* Portanto, se “fé simples” significar fé irrefletida, então fuja dela. Fé cristã é uma fé viva e inquisitiva, e indissociável do amor cristão, como explica o apóstolo João. São estes - a fé comprometida com a verdade, e o amor - que capacitam para a tolerância.

Falta de compromisso com a verdade e uma inclinação ao relativismo afastam do amor e conduzem à indiferença, com todas as suas consequências relacionais. Por outro lado, capacitados pela fé comprometida com a verdade e o amor, cristãos serão sal e luz na sociedade, como Jesus afirmou: *“Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo.”*

Uma versão deste texto foi publicado na Revista FelizCidade, em 4 de outubro de 2015